

jato de luz acumulado
(busca)
(livrinho)

ritualzinho

acender vela, então, é substituição. é depósito em corpo outro combustível, produtor de energia, alimento. é criação de sistema externo, de corpo externo sistêmico e motor, em movimento, construtor de calor. é manutenção de fogo. erguimento de chama, içamento. fazer surgir luz, lampejo. é reconhecimento, é memória, é saber que existe, em algum lugar, bem definido este, coisa semelhante à vida, que se assemelha à coisa autônoma, que existe e se movimenta a partir de núcleo, de centro, por determinada quantidade de tempo, que ocupa espaço, que emite luz, que é cor, que é transformação pura e plena e intensa e grave, que é sublimação, que carrega e se concentra, que exsude, que expelle, excentra. a função e a importância do trabalho empregado e canalizado e direcionado no ativar do queimar da vela é gerar existência em função da recordação, é a montagem do boneco com intenção, com desejo prospector, que projeta. reprodução. a existência do corpo térmico, cremoso sólido, denso, mais ou menos permanente, que permanece, que equivale a um tempo da vida do criador construtor que não é completamente ou exageradamente fugaz e efêmero e breve como costuma ser a existência luminosa e relampejosa e explosiva e também não é absurdamente perene, não é eterno, etéreo, pétreo (na verdade então o divino é eterno como o rígido, como o rochoso, e belo e supremo e poderosíssimo e enérgico e rápido e mobilizador como a luz, como o fogo). é sistema produtor e transformador de energia, então, cuja função, talvez, em ideia, é ser eterno, mas não consegue, então tem tempo proporcional ao tamanho. dura o que pode. e normalmente, em convenção, a vela é do tamanho da mão, da cabeça, e dura algo relativo aos membros que a modelam, que a materializam, que a elaboram. é um pensamento, uma emoção e uma confecção. é individual, solitária solene. é importante pela imaginação e pela recordação do próprio trabalho, do próprio movimento desejoso, intencional, impetuoso, pela presença do corpo latejante e flamejante e fumegante na cabeça de quem monta, presença interna, como engenho, obra montada, imagem elaborada por quem se mobiliza na profundidade, no núcleo gorduroso, no corpo grosso escuro, iluminador, salobro, cristalino. a vela passa a ser, então, combustível, também, de fantasia, de sonho, de energia gostosa e quentinha de dentro, mobilizadora, também, impulsionadora de trabalho grande, do corpo grande, da primeira unidade, membrosa, cabeçuda. é saber que existe vida e que a gente cria o que a lembra. e que há colaboração e comunhão e calor, mesmo, verdadeiro, puro, fogo. abastecimento. reservatório. criação de existência autônoma, independente. continuidade.

trave

nave cruz igreja avião navio aeronave espaçonave jato ascensão introspecção meditação
comunhão aglomeração organização lançamento projeção templo incursão excursão viagem
viga coluna trave ascensão verticalização subida decolagem sorte expedição trajetória

penso então em espaço, em construção, em corpo. corpo que cobre, que encapsula, habitável, circulável, navegável, embarcável, comunicador, opressor, protetor, armadura, égide, continente, que abraça, que capta, que restringe, que engole, duro, rígido, austero, resistente, aerodinâmico, perene, duradouro, grosso, sólido, pesado, esmagador, maciço, massudo, denso, carnosos, recheado, carnudo, arcabouçal, material, matérico, físico, esqueletesco, estrutural, potente, impenetrável, consistente, definido, detalhado, ágil, rápido. É tensão entre luz e sombra, entre céu e inferno, entre ascensão e decadência. É dúvida e confusão e conflito e geração e produção e fertilidade e caos. É vontade de descobrir, de iluminar, de habitar, de deslocar, de mudar, de transformar, de comer, de vencer, de libertar, é passagem, é momento, é transição, é meditação, é trabalho, é operação, é força, é empreendimento, é emprego, é gasto, é energia, é aplicação, é intenção, é desejo, é direção, é investimento, é risco, é esforço, é vontade, é descoberta, é apropriação, é predação, é dominação, é disputa, é luta, é competição, é mobilização.

então é pedra sobre pedra, algumas madeiras. é argamassa que junta uma pedra à outra, argamassa, cimento, cola e gravidade. é o peso de uma na outra, força de uma na outra, bilateralidade. assim se constrói, se molda, se empilha. é pilha, dobra, disco, roda, sequência, fila, fileira. lugar de reunião, de comunhão, de colaboração, de coenergização, de compromisso, de culto, de cultivo, de companhia. dá pra explorar, também, em algum lugar, o elo entre lar e igreja, entre casa e navio. três construções primordiais e as sobreposições, os entrelaces, as intersecções. o microcosmo comum, a essência, a síntese.

as paredes de pedra maciça, não sei que pedra, talvez um tipo mais escuro, ou de vários tipos diferentes, as encontradas, as disponíveis, as que aparecem. são aglomeradas de modo a formar corpo que se verticaliza, que se sustenta, que se mantém, que suporta o próprio peso extremo, absurdo, ostensivo, opulento.

sobre isso, então. sobre a ascensão tensa, o deslocamento ambíguo e dialético e elástico e dubio e duvidoso e confuso entre cima e baixo, entre potências diferentes, opostas, entre pólos, entre forças díspares, complementares, alternadas.

sobre introspecção coletiva profunda, meditação, comunhão intensa.

jato de cruz luminosa densa, pesado barco, corpo recipiente, protetor, direcionador, transportador, que leva, que transforma, que faz passar, passagem. intermediário. momento locomotivo, casulo, casa onde acontece, onde se prepara, cozinha, fofalha. ocorrência,

protuberância, acúmulo, aglomerado, acontecimento, evento, movimento concentrado, ruptura, fragmento, choque, ebulição, borbulha, efervescência, conspiração

ruído, resistência, dissipação, descontinuidade, alteração, mudança

caroço

retenção

deus e o vírus e a célula

comunicação, matéria que cola, que une, que aglomera, que associa

sobre o interno, o enclausurado, o latente, o pulsante, o invisível, o presente, o profundo, o pequeno, o penetra, o mobilizador.

coisa interna e profunda, invisível, sutil, pouco ou quase nada sensível e perceptível pelas faculdades da superfície, pelos sentidos principais, pela palpabilidade. intangível, fantasmínha. carnal, carnosos, intravenoso, muscular, corpúsculo supremo, comunicação microscópica divina. corpo mínimo e minúsculo multiplicador, reprodutor incessante, frenético, compulsivo, voraz, atroz. potência central impulsiva, geradora. coisa oculta vaga vasta. impregnante, empenhante, contagiante, contaminante, marcante, carimbante, impressionante, presença máxima extrema poderosíssima e densa, intensa, fantasmagórica, esfumaçada, vaporosa, gasosa, etérea, sublime. abissalmente compreensível. escatológica. só se vê e se sente no fim, no limite, na borda, no limiar, na travessia, mesmo, no ultimato.

deus e a célula

deus e o menor

acreditar na comunicação, na recepção, na compreensão do sinal
na captação, na mobilização a partir do chamado, do pedido, da prece
oração

regência interna

governo molecular, celular, corpuscular

comunicação entre o corpo grande uniforme e as menores partes que o formam, que o compõem, e associação harmônica e funcional, então, a partir das mensagens do todo para o componente, para a divisão

deus são

pequeno, invisível, impalpável, interno, profundo, recebe

a partir de formulação e elaboração e de desejo trazido à consciência, do pensamento superficial, atento, acessível, aparente, controlável, da ideia quase luminosa e externa, mesmo, é possível e gostoso e proveitoso e importante e produtivo e benéfico lançar o dado, a palavra, a ordem, o pedido, a reza, o rogo, o clamor, o incentivo, a menção, a informação, às profundezas, à escuridão, ao escuro, ao oculto, ao distante, ao ignorante, à carne, à barriga, ao bucho, ao coração, enterrar, no grosso, no bruto, no intestino, difundir a mensagem, transmitir, associar, comunicar, articular, mobilizar.

sobre as coisas

sobre tempo, sobre movimento, sobre organização, sobre forma, sobre modo, sobre jeito, sobre as coisas, sobre a massa, a matéria, a energia, sobre como são, o que são, sobre a verdade, sobre o objeto, sobre os corpos. Sobre como as coisas são. Interna e externamente.

sem ordem, não tem o que vem primeiro e o que vem depois, de fato, porque as coisas, muitas delas, são simultâneas, sincrônicas, acontecem ao mesmo tempo, porque há muito, há muita coisa e muito tempo e muita variedade, muita coisa lenta e muita coisa rápida e coisa pouca e coisa muita. mas há corpo que se aglomera e se organiza de maneira eficiente de modo a se manter e continuar crescendo e somar e perseverar e sobreviver e exercer domínio e dominar e penetrar e reproduzir e sentir os gostos bons e as coisas boas e receber os bons estalos, às vezes os maus, pois há conflito interno, também, entre os corpos pequenos que formam os corpos grandes, é isso, então, que há conflitos em todas as camadas, há disputa e acordo, há convenção, há o consenso, o estabelecido, que não é eterno, perene, que é efêmero, como tudo ou quase tudo, claro. Mas então, se há o domínio de um corpo sobre o outro, há a exposição disso, ou a visão disso, e há o desejo, e há troca. Há o controle de um corpo por outro, a posse, a aquisição, no caso o corpo que domina subjuga o outro por uma série de motivos, quer dizer, um rol de fatores pode determinar o manejo e a manipulação e a compreensão de um corpo por outro, esses dados que dirão se um corpo será apto a usar e desfrutar do outro corpo, que pode ser vida ou não, para determinado fim, para realizar algo, para transformar o corpo outro em algo, para absorver, para entender. Há então compreensão interna. Há na verdade a relação entre os corpos que ocorre em diversos níveis, em lugares diversos, em pontos diversos, em corpos diversos, em meios diversos. Passagem. Mas se determina o corpo externo internamente. Se pega e se recebe pelo olho os sinais que o corpo outro emite. Linguagem.

matemática

definição e reconhecimento de unidade e uniformidade de um corpo. Relação entre unidades de corpos. Modos diversos de interação. Associação de uma unidade convencional à qualquer outra. Unidade convencional é o padrão, o número, o modelo. É acordo, é negociação, é disputa. Soma, adição, aumento, diminuição, permissão, interrupção. Cálculo. Então aqui se fala de matemática, de linguagem. Se usa a conta para contar, justamente, pois a pedra, o seixo, é bem definido, é bem determinado, os limites são claros, visíveis, tangíveis, perceptíveis, palpáveis, comuns, observáveis. Torna-se linguagem e uma pedra é uma pedra e isso é consensual, pouco se debate a respeito. Em dado momento dá nome e atribui-se valor a esse corpo. Quer dizer, escolhe-se ou encontra-se representante interno, cerebral, celular, neural, para a rocha, o cálculo. Associa-se, então, através, por meio dos canais sensíveis, uma coisa interna à uma coisa externa, uma célula ou um corpúsculo parte do cérebro a um corpo habitante e ocupante do ambiente, do espaço, do terreno externo, da terra, mesmo, do solo, do ar, do mar, mas coisa outra, unidade exógena. E isso se dá em função da relação entre os corpos celulares do cérebro, de que modo, de que maneira, de que jeito, como eles se relacionam entre si, quais os tipos de movimento, quais as velocidades, as intensidades, quais espaços ocupam, quais deixam de ocupar, como ocorrem as trocas, como é a força. Quais as quantidades.

passagem ou não de luz

permissão ou bloqueio, resistência

permissão ou bloqueio, passagem ou barreira, ou resistência, ou luta. Ou aceitação, submissão, incentivo, continuidade. Ou interrupção. Continuidade ou interrupção. Sequência ou parada, intermitência, corte. Luz e sombra. Existência e movimento e agito e inquietação ou ausência, enterro, falta, nada, não, vazio, buraco.

por onde é possível passar, caminhar, transitar, deslocar, e por onde não é

aberto e fechado

e quando

onde e quando

às vezes dá, às vezes não dá

é e não é

dá e não dá

simultaneidade

caminho

arvore arvore arvore caminho de terra pedra no chão grama graminha flor frutinha inseto

resolução de problemas

entender matemática básica e buscar saber de onde vem a resolução de problemas ou a vontade de resolver os problemas, superar os obstáculos, decifrar os códigos, descobrir o desconhecido. Característica definidora da mente, que é física, corpórea, mas que resolve problemas. Ou é coisa inerente à vida, resolver problemas, e não necessariamente a um sistema nervoso, cerebral, elaborador de ideias e de soluções. Pode ser traço que marca vontade una e primordial à construção de vida. De onde vem o computador e o que o difere do restante das máquinas mecânicas mas inanimadas. Ânimo e animação e alma e desejo e espírito e mente. Colaboração imperativa e impetuosa. Projetora e construtora e destruidora. Mas a coisa é essa, é resolução de problemas e de onde vem esse tesão, essa vontade de sobreviver e de se reproduzir. Talvez seja coisa vital mesmo da energia e da matéria de modo geral, mas acho que não, não desse jeito excêntrico, que nasce na essência mas que explode e que expande, que pulsa, que é interno e que visa e prospecta o externo e o exógeno. Raio e órbita.

instalação

instalação peça performance do ovo do ninho do presépio da família do lar do conforto da caverna. É cozinha e cheiro e fumo e hálito e alquimia e mudança frequente e frenética e contínua e é presença dos corpos alguns fixos estáticos sentinelas. Cheiro de ovo e de carne caldeirão óleo gordura sendo cozida aquecida frita camadas e camadas e couro e sebo. Suor e a sala é quente. Então há um desconforto e um fedor e uma feiura mas há algo que atrai nisso e algo que chupa e que magnetiza e que chama e é inferno, por isso, mas dá tesão no capeta e nos anjinhos caídos e nos diabinhos e nos demoninhos, as gárgulas, os parentes, é algo acolhedor e produtivo e há nutrição e efervescência e ebulição e fermentação e é muita potência de quase morte e de decomposição e é nesse elo tenso que a vida existe e constrói. Então é um monte de corpo que parece corpo humano e que é feito por um corpo de pessoa pelos membros do ser que é animal braçudo e veiudo e latejoso e que molda e submete mas que se machuca no processo e sai impresso e marcado e rasteja e reproduz e cria e são corpos semelhantes à essa imagem do construtor que é cozinheiro meio peludo e que deixa cair o cabelo no alimento e o suor e quebra casca de ovo e as figuras observam. O músculo e o corpo é produzido a partir daquele coletivo de corpos outros pesado e há múmia e há conserva e há pickles e há gabinete de curiosidades e pesquisa e coleta e armazenamento e coleção e acúmulo asqueroso delicioso e vil e compulsivo e impulsivo jato de luz e salmoura e leite e mel e escafismo que é a mastigação insetesca do néctar e das larvas e da desconstrução e desassemblagem e desagregação e desmontagem e então é tudo movimento de vários tipos e ordens diversas e eu só falo a mesma coisa e o problema continua.

LETRA GROSSA GRAVE

letras ou letra gigante talhada esculpida modelada em pedra em madeira em matéria grossa grosseira rígida mineral pesada grave e a letra é pesadíssima o caractere o corpo chumboso e denso e ocupa espaço na sala no cômodo

AaAaAkKKkKkKkKkAAaaAaAAAAaaaaAaA grupinho

çÇçÇo..OO.o.o'o'o'o'o''-'-'*-8-*** * * *

PEDRA E PELO

ACÚMULO E ASSOCIAÇÃO E COLAGEM E ASSEMBLAGEM E AGREGAÇÃO E SOMA DE CORPOS DE PEDAÇOS DE PEDRA E DE MADEIRA E A COLA DE CADA UM DELES NO OUTRO E A CORPULÊNCIA E A AGLOMERAÇÃO E O MAGNETISMO E A COLA PROTEICA E ANIMAL E COSTURA E POR CIMA DAS PEDRAS DAS ROCHAS E DA ARGAMASSA E DO CIMENTO DO CONCRETO UMA CAPA UMA PELE UM COURO UMA PELÚCIA UMA PENUGEM COISA MAIS MACIA E FOFA E QUENTINHA E COISA QUE AQUECE E AFOFA E UNE TAMBÉM DÁ UNIDADE DÁ MAIS UNIFORMIDADE GARANTE PRESERVAÇÃO E DEFINIÇÃO E ABRAÇA. ENTÃO É UM MONTE DE PEDRA E MADEIRA COLADA NO TESSÃO E NA EJACULÂNCIA E PELÚCIA POR CIMA E COSTURA

CROSTA CROCANTE CÁLCIO DENTÁRIO AGRUPAMENTO

marcelo e nino

lugar gelatinoso e congelado e meio líquido parado, estanque, inerte, particuloso, embaçado, nebuloso, marca do corpo outro e similar, captura da outra forma semelhante, distância, passado tempo outro turvo, gasto, mais ou menos impreciso, borrado, distorcido, rastro da luz, memória e esquecimento, impressão, foto antiga indefinida e meio grosseira, melancolia da saudade e da nostalgia e pela irreversibilidade das coisas que não voltam mas há certo desejo de retorno, dureza e rigidez e auto-punição-e-penitência e culpa pelo esquecimento, pelo olvido, pela desapareição, pela fuga, e a vontade de resgate, ou cicatriz, marca mesmo, de aprendizado, e a construção do macho, do corpo erótico superficial mas que é profundo, que vem do fundo e de dentro, que tem origem outra, mas que se manifesta com fragilidade de pigmento que sugere, tenso. tempo remoto e corpo distante. imprecisão. corpo rijo, teso.

decapitação, desmembramento, corte, deslocamento, descolamento, despojamento. decepação. desmontagem. graça e rigidez, fibrosidade óssea afiada mineral troncosa estrutural arcabouçal ríspida rigorosa, envolvimento, sedosidade, há por cima ou marcando o corpo duro coisa um pouco mais sensível que protege, detalhe, agudo, penugem, pelinho, capa, o delicado que protege e encobre e esconde e oculta o bruto, o madeiroso, o enrijecido, o grosso, grosseiro, que machuca e defende e estabiliza e permanece tosco e feio e irregular.

construção de igreja

Construção de igreja. Ir até a terra, escolher o lugar, o sítio, o campo, o pedaço, o setor, definir e determinar e desenhar o espaço, a planta, onde o corpo pulsador e construído se localiza. Decisão, sensação, abdução, recepção, espírito que baixa, referência, relativização e norteação e paisagismo, início da montagem, da assemblagem, do acúmulo, do empilhamento. Material é recolhido dos arredores, é extraído, é quebrado, é domado, é dominado, é controlado. Primeiro dá nome à matéria, à coisa vista, sentida, tocada. Primeiro é avistada de longe, o cheiro entra, o cheiro da rocha, do calcário, da pedra, do silício, da sílica, siririca. Começa masturbação incessante compulsiva, gozo espirra pra todo lado, alaga tudo, nóé aparece. Brincadeira. O cheiro do minério é sugado pelo orifício e chega, alcança e toca, a partícula, a célula minúscula, que transmite a informação à consciência, que perde a origem, que não sabe mais de onde veio o dado, mas o cheiro impercebido existe, o feromônio da terra, da minhoca, de todo um processo de matéria orgânica barrosa plástica e succulenta, cagada, e daí aquela massa que carrega coisa dura, crocância, latência, caroço, torrão, e faz sentido, recebe a aproximação do corpo do bicho da raça do humano animal membroso e membranoso musculoso e móvel descolado e deslocador e vibrante na matéria gasosa e troca muito com esse gás até alcançar a coisa dura que serve para ser empilhada e construir o templo, que é também nosso corpo, e por isso a rocha é escolhida, porque serve mas porque é semelhante, é interna, é exposta, a gente cava e acha, a ossada, o fóssil, arqueologia, pegada, rastro, registro. Película sensível divina, matriz, plano infinito eterno que já captou e recebeu toda informação e todo o percurso do tempo e da coisa, toda a matéria que já se transformou e se movimentou, todo grão, marcou, memória divina, filme supremo, final, inicial, de sempre, de todo, de tudo, lâmina receptora de tudo, membrana prima, primal, básica, una. Carta magna. Primeiro a gente nasce, cresce, vive, escolhe o lugar, a terra, pega a coisa que existe na terra, tudo é matéria, escolhe a que faz sentido, constrói a coisa como amontoado do que existe ao redor, do que rodeia a gente. Racha, quebra, desconstrói, desagrega, remonta, reorganiza, troca.

máscara e expressão

Máscara e expressão e grito. Berro do mato, silvo, ritual, rito. O traje, a fantasia, a maquiagem, a transformação instantânea e espontânea, quer dizer, voluntária, desejosa, impetuosa, imediata, solução a partir da estratégia, da técnica emocional e cerebrosa, sentimental titânica e hefestuosa, forjadora e manipuladora e transformadora dos corpos externos, interferência, intervenção, subjugadora e tirânica, ou dançarina, e afetiva, e gostosa e tátil, carinhosa, junção de tudo isso, ambivalência, mistura, tensão, caldo. Mas é desejo de mudar o próprio corpo que leva à transformação do corpo outro em ferramenta ou em peça, em matéria extensora e agregadora, que soma e que reproduz e que penetra. Pigmento. E a partir desse problema que é resolvido, na natureza, ou por deus, pelo desejo excêntrico, geneticamente, ou pela comunicação proteica, celular, gênica, ácida, robótica, viral, nos encaixes pequenos, nos esqueletos e formas menores, formadoras, e que se manifesta na transmissão, na vontade de se manter, na manutenção, na sobrevivência, na multiplicação, no crescimento, justamente, na construção e na aglomeração e no agrupamento e no fortalecimento, no aumento de carga, no aumento da quantidade e da grandeza física. A partir daí, desse movimento explosivo e expansivo, expulsor, impulsor, crescente, vital, as soluções para a sobrevivência e para a manutenção da vida acontecem num tempo específico, numa velocidade e numa aceleração específicas, numa grandeza específica, que só vem a aparecer e se manifestar ao mundo multi-celular dos animais quando se acumula e quando se perpetua e se fortalece e permanece e se estabiliza e quando adquire uma caixa alta, visível, perceptível. A massa gordurosa, ácida, salgada e elétrica da cabeça, que na verdade é colônia, é efervescência e instabilidade frequente entre pontos e troca cintilante e contínua e frenética e piscante e fibrosa e faiscante, atritosa, em determinado momento, depois de continuações e depois de incontáveis e massivas trocas e de resoluções e de transmissões de conhecimento e de conservações e de permanências específicas, traduz e comunica em movimento muscular do corpo grande a intenção de mudança própria e de manipulação dos corpos outros, minerais, inorgânicos, terrestres e não-vivos, ou vivos, também, mas muitas vezes das partes não voluntárias destes, ou depois da remoção da autonomia do corpo outro, do aprisionamento, do assassinio, do desmonte, para assim o subjugo, para esse fim, ou para este processo, que é o de manutenção da vida e do crescimento. É como se a partícula inerente à vida e a molécula essencial mais impetuosa e mobilizadora dos movimentos agregadores tivesse encontrado no ser-humano a solução para essa construção demoníaca e sagrada ao mesmo tempo, nesse pulso, mas uma coisa dominadora e crescente e infestosa, contagiosa. Daí a máscara, a maquiagem, a cena, a pintura, a fantasia. Vem dessa imaginação que é projeção mas que é alimento vital, que é motivo, que é energia e que é nutrição dos movimentos musculares, que é coisa da reprodução

e da beleza e da dança e da atração. Mas é a vontade de assumir outros corpos, de ser outra coisa, de ocupar outra posição, de estar em outro lugar, de se movimentar de outros jeitos, de ser composto de outra maneira, por outra ordem. E é vontade celular, é vontade do corpúsculo que é similar e semelhante e comum aos que compõem os outros corpos, é neural, quer dizer, é da partícula que cria a imagem, da célula que constrói a fantasia, que sonha, que imagina, que fabula. Então faz sentido que ela deseje esse tipo de coisa, essa transformação, metamorfose, porque ela é básica e potente e plástica e elástica e resiliente, multiplicativa e simultânea, saltitante. E a frequente, contínua e constante manifestação da transformação, efêmera ou perene, dos corpos em outros, de modo a aparecerem como outros aos olhos que vêem, a quem capta, a quem sente, e de modo a imprimirem e pressionarem e enviarem essa mudança aos sensíveis que rodeiam, aos receptores, às câmeras, à audiência, à platéia, aos espectadores, aos passageiros, aos interlocutores, essa apreensão coletiva das mudanças voluntárias ou impetuosas e sentimentais dos corpos gera aprendizado incessante e irreversível, inevitável, é crescimento e fermentação e cultura. E quem muda também vê o outro mudar e também muda por isso. Então não para. É absorção refletora absurda e trovosa e luminosa e confusa e máxima. Cérebro consciente ou não reconhece as soluções da evolução e da manutenção das espécies, pelos movimentos da genética, para, justamente, reproduzir e permanecer, perseverar, e as realiza a partir dos corpos exógenos, concentricamente, abraça, captura, põe sobre si, ao invés do formato, do esquema, do espírito, da lógica da evolução que as materializa e organiza internamente, a partir da construção e da reorganização dos corpos internos. A genética resolve em gerações e com as peças e ferramentas próprias e construtoras da vida, orgânicas, internas ao corpo vivo e celular, a partir das moléculas disponíveis à manipulação das células pequenas e das partes menores, dos bloquinhos. A arte, em outro momento, é o ponto do tempo em que esse aglomerado celular, essa colônia, resolve o problema a usar o corpo grande, a manipular toda a estrutura maior, de maneira sincronizada, para a obtenção e compreensão da matéria externa, dos corpos outros, e para a utilização destes na mudança própria, para a assimilação destes, e para a montagem de exoesqueleto e de roupa e de abrigo e de mágica e de objeto similar a ser estudado. Quebra a pedra de calcário e faz o cal que é pó branco e pinta a própria cara de branco para se alterar, para se embriagar, para embebedar o outro, para se embelezar, para se iluminar. Percebe, também, as mudanças independentes externas, da natureza, dos movimentos e dos ciclos da terra e dos outros corpos. As coisas são sempre mais complexas do que parecem ou podem ser mais complexas. Assunção de consciência, deslocamento do caráter consciente para o outro, para a outra organização, encaixe, recepção. A diferença é de escala, principalmente, entre a mudança no corpo de um pássaro que demora gerações para aparecer bem definida e entre a mudança num corpo humano que produz e que coloca uma máscara. Num caso a mudança ocorre a nível celular e nesse ritmo, nas velocidades pequenas, das moléculas dos genes e dos códons e das bases nitrogenadas, noutro é em escala de corpo médio, corpo animal mamífero, humano, braço, dedo, perna, pé, dedo, tronco, pescoço, tudo isso, cabeça, é nessa escala, que pega a pedra, a madeira, a palha, o barro, o pelo, a pele. Transforma o corpo em objeto. É imagem e objeto e tem sentido e significa, gera movimento interno porque é coisa, porque é massa e porque jata luz de várias cores e intensidades no olho de quem vê. Mas, então, entre esses movimentos que ocorrem em níveis diferentes, em tamanhos diferentes, a intenção é a mesma, parece. Careta.

para voltar o tempo

Para voltar o tempo, se for desejo, é preciso agarrar tudo que existe e lançar, de modo mecânico, mesmo, muscular, na direção contrária, oposta. Mas o tempo é muito vasto, muito complexo e muito maior do que o tamanho humano, por enquanto. Uma ideia é aumentar a própria escala humana, aglomerando, agrupando, até que seja possível manipular o tempo de modo geral, agarrando a matéria total por inteiro e a lançando na direção contrária. Jeito bruto.

Agora, caso tudo que ocorre e toda a matéria existente estejam atrelados a um só ponto, simples, primeiro, uma chave, seria possível mudar a direção e o movimento de tudo, do tempo, a partir da mudança dessa chave, que aí, pelo elo, pelo cordão, pela analogia, pela tensão, mudaria, em proporção, o movimento do tempo das coisas, do tempo grande, do tempo mesmo. Então, criando essa roldana ou essa alavanca a partir desse ponto primal e da ligação dele com tudo, com o tempo maior, seria possível o retorno amplo, geral, máximo. Aí a reversibilidade, a volta de tudo que já foi, do jeito que foi, do mesmo jeito, mas ao contrário, e ao mesmo tempo. Como se tudo fosse película em roda, em giro, em eixo. Se o tempo é muito complexo e muito grande, colossal, divino, para ser manipulado, o jeito de realizar esse retorno seria cogitar a possibilidade de que todas as peças componentes da grande massa estejam conectadas, elo forte, permanente, esse, a uma coisa mais simples, uma manivela, um ponto central, único, primordial, essencial, nuclear. Matéria prima.

transcendência e redução, simplificação

Permanência e perenidade, continuidade de rastro de vida. Assunção de forma menor, reduzida, passada. Então resistência de forma de consciência, pode ser primitiva, mas de sensibilidade, principalmente, sensor, mesmo, nas partes menores do todo, do mundo, do espaço, ou seja, decomposição, depois da morte, depois da desconstrução, do rompimento, da desaglomeração, da dissociação, desagregação, do corte, mas perseverança e perenidade de um modo de se perceber no espaço e em relação às outras coisas, e se perceber enquanto corpo e enquanto unidade e uniformidade, enquanto massa coesa e definida e limitada e determinada, comunicativa, impressora e sensível. Rastro. Herança, continuidade, passagem. Manutenção de consciência ou de existência perceptiva e mais ou menos cognitiva e sensível após a morte do corpo grande, inteiro, completo. Transcendência como redução, como simplificação da forma, do corpo, e redução da consciência complexa à uma forma de mente e de unidade psíquica, digamos assim, menor, mais simples, materialmente falando, energeticamente falando, fisicamente falando, redução da comunicação e das trocas componentes do sistema conceitual e da máquina ideal cerebral do animal, do bicho e do humano, as interações menores, entre corpúsculos, células remanescentes, sobreviventes da morte e da decomposição do corpo maior. Daí, por exemplo, a reencarnação, ou seja, a recomposição de um novo corpo, seja ele qual for, tenha a configuração que seja, a incluir, também, essa célula pertencente ao corpo antigo, morto, que carrega informações, dados, marcas, memórias, traços do corpo antigo, da cognição antiga, da percepção antiga, da sensibilidade ancestral.

incandescência e improbabilidade

Sistema interacional e relacional, entre as coisas móveis e energéticas, incessante e irreversível, quer dizer, em grande escala unidirecional, preciso, como grande massivo e eterno glóbulo lançado, atirado, expulso. Corpo em relação a corpo e assim por diante, soma em relação à subtração, e todas as formas de comunicação entre coisas em relação à elas mesmas e às semelhantes, movimento em relação a movimento, que também é coisa, porque deslocamento é troca. Comunhão e conglomerado em ebulição e incandescência. Tudo em relação a tudo, montagem e desmontagem insana e endiabrada. Quanto maior a quantidade de variáveis, quanto mais complexa uma corrente, em relação à diferenciação entre pontos, entre partículas, maior é a possibilidade de uma especificidade, de que uma exceção ocorra. Na complexidade do todo, do aglomerado de partículas, dos mais diversos tamanhos, na vasta quantidade delas, a exceção ocorre, é fato, mas em quantidade desprezível em relação ao tamanho mamífero nosso, mamífero médio, membroso. Se há consciência que presencie e que perceba e sinta específica exceção e improbabilidade, há choque e descoberta e mágica e susto e êxtase e aprendizado. Se há qualquer, em qualquer grau, possibilidade da ocorrência de um evento, de um fenômeno, de uma formação, de relação, em determinado momento, em definido lugar, a coisa acontece. Há tudo acontecendo ao mesmo tempo. O impossível é imponderável.

sobre o tempo a coisa as coisas e os movimentos (movimento das coisas)

movimento de tudo ao mesmo tempo, na enorme quantidade total das coisas, ou no infinito.

Movimento desenfreado, irreversível e geral. Tudo mexendo ao mesmo tempo, tudo se movimentando ao mesmo tempo, todas as partículas, de todos os tamanhos, todos os tipos de matéria, a matéria absoluta. Então é esse bloco infinito de matéria energética, energizada, móvel. Há matéria e há movimento, há matéria em movimento. A matéria e o movimento variam em tamanho, em posicionamento, em relacionamento, em intensidade, em grandeza, em intenção, em intensidade, em proporção, em escala, em direção e qualquer combinação dessas variáveis produz fenômenos distintos. Por isso a variedade de coisas. Coisa e deslocamento, pronto. A complexidade das coisas e do universo em proporção à cognição humana é desbalanceada, muito grande. O universo é muito complexo. E o tempo é tudo, é tudo junto. É indivisível, me parece, nesse modo de compreender as coisas, ele e o espaço. Como as coisas funcionam. Para alterar o movimento dele, para mudar a direção dele, por exemplo, para voltar o tempo (de maneira geral, o tempo uno, total, completo, como um todo), se desejado por nós, deveríamos agarrar tudo o que existe e lançar, mecanicamente, na direção contrária, oposta. Agora, caso tudo que ocorre e toda a matéria existente estejam atrelados a um só ponto, simples, uma chave, seria possível mudar a direção e o movimento de tudo, do tempo, pela mudança dessa chave. É hipótese gostosa de se ter, estimulante, agradável, fruto de imaginação. Mas é isto, então. Se o tempo é muito complexo e muito grande, colossal, divino, para ser manipulado, o jeito de realizar esse retorno seria cogitar a possibilidade de que todas as peças componentes da grande massa estejam conectadas, elo forte, permanente, esse, a uma coisa mais simples, uma manivela, um ponto central, único, primordial, essencial, nuclear. Matéria prima.

Sistema interacional e relacional entre as coisas móveis e energéticas incessante e irreversível, quer dizer, em grande escala unidirecional, preciso, como grande massivo e eterno glóbulo lançado, atirado, expulso. Corpo em relação a corpo e assim por diante, soma em relação à subtração, e todas as formas de comunicação entre coisas em relação à elas mesmas e às semelhantes, movimento em relação a movimento, que também é coisa, porque deslocamento é troca. Comunhão e conglomerado em ebulição e incandescência. Tudo em relação a tudo, montagem e desmontagem insana e endiabrada. Quanto maior a quantidade de variáveis, quanto mais complexa uma corrente, em relação à diferenciação entre pontos, entre partículas, maior é a possibilidade de uma especificidade, de que uma exceção ocorra. Na complexidade do todo, do aglomerado de partículas, dos mais diversos tamanhos, na vasta quantidade delas, a exceção ocorre, é fato, mas em quantidade desprezível em relação ao tamanho mamífero nosso, mamífero médio, membroso. Se há consciência que presencie e que perceba e sinta específica exceção e improbabilidade, há choque e descoberta e mágica e susto e êxtase e aprendizado. Se há qualquer, em qualquer grau, possibilidade da ocorrência de um evento, de um fenômeno, de uma formação, de relação, em determinado momento, em definido lugar, a coisa acontece. Há tudo acontecendo ao mesmo tempo.

determinação das coisas coesas

Determinação de coisas coesas, ou seja, de aglomerados. Algo recebe uma determinação e é identificado como coisa e denominado e marca a cognição e a sensibilidade quando é coeso, quando existe comunicação interna entre as partículas de modo que elas formem esse todo identificável. Há unidade, uniformidade e interdependência, há nó, há correlação, e há correspondência direta, relação direta entre as partículas, causa de movimento amplo, comum, entre cada parte do todo. Porque voltar em um determinado caminho, ou a um definido lugar, a esse ponto específico do mapa, do espaço, do mundo, no caso, da matéria do globo, da terra, do solo, onde habitamos, onde nos assentamos, é relativo à memória e à matéria, à marca dessa coisa, reconhecida a partir do momento em que é sentida e se torna importante e vital, por motivo tal, na interioridade, nas placas sensíveis, na matéria interna sensível, que registra esse rastro, que capta uma face da coisa, um traço do objeto, e o lugar também é marcado por esse objeto, pela casa, pela montanha. Um ponto no mundo. Na terra, na matéria. Na pedra, no mineral, no corpo duro que por dentro é lava, é magma, é quente, então é meio mole. Mas para o corpo animal é duro. Menos a água, que é mole. E voltar é refazer. É repetir. Então não é bem volta. É reação. Mas é reconhecimento. De direção e de trajetória, de trajeto. E de caminho entre pontos. Pegadas. Curupira. Identificação e relacionamento entre matéria externa captada, capturada, recebida pela matéria interna. Diálogo, interação. E aqui se fala disso a partir de desejo, da ideia de desejo, de ímpeto, de vontade, e essas são coisas internas, próprias e particulares, neste caso, do aglomerado celular do órgão cerebral humano, da mente, dessa comunicação interna, e da experiência dessa sensibilidade em relação ao resto das coisas, ao mundo, ao que está fora da membrana, da pele, da definição do corpo, da unidade reconhecida como tal.

cérebro colônia

Mente e pensamento como matéria orgânica, aglomerado celular, comunicação intercorpúscular, colônia elétrica dinâmica, pulsante, do órgão, potência cerebral, física, do corpo. A ideia e o conceito são, de fato, intercâmbios elétricos, luminosos, do etéreo, do intocável. Mas há extenso e intenso arcabouço grosseiro de palpabilidade, de volume. O pensamento humano como pura comunicação interna, intercelular, entre partículas, entre pequenos corpos, menores partes vivas, orgânicas, eficientes, impulsivas, impetuosas, como organização e o corpo grande e humano como sistema, claro, e como comunidade, como movimento ininterrupto e trabalho incessante. A consciência como o grupo de carne viva e matéria densa cuja função e intenção e desejo e tarefa e destino é pegar, buscar, receber a informação de onde quer que seja e esteja do corpo. União, acúmulo, aglomeração, agrupamento, agregação, associação, comunhão, conjugação, coordenação, colaboração. Deslocamento, trânsito, translação, diálogo, conversa, comunicação, troca, movimento relacional. Posicionamento. Dança. Relação entre partículas. Pensamento é comunicação intercelular e intracerebral. É troca, portanto. Influência, interação. Choque, toque. Eletricidade e química. Contato proteico e estático, luminoso. Há luz, sim, no pensamento. E é grande parte, é parte importante. Mas sobretudo há corpo e há carne, há gordura, há proteína, há sal, há fisicalidade e materialidade, densidade, lentidão. Nesse deslocamento gosmento da massa que ocorre a luz e a ultra velocidade do raio e do trovão. Do atrito. Distância. (Desenvolvimento da comunicação interhumana e progressiva diminuição do movimento do corpo para tal). Colônia celular é o cérebro. Coletivo de corpúsculos, sistema, seita. Vírus. Fluxo de energia. Corrente. Continuidade. Transformação contínua.

As coisas imateriais, divinas, transcendentais, virtuais, espirituais, fantasmagóricas, misteriosas, que na verdade talvez sejam representações ou tentativas de descoberta do desconhecido, do incógnito, do oculto, do sombrio, da luz bloqueada, da sugestão da luz pela sombra, da percepção a partir da negação, assim, da coisa que é potente e que existe e emite força e matéria comunicativa, e a redução desse envio, dessa mensagem, a obstrução, por si só, admite e revela, pois ao interceptar assume rajada positiva, jato

salmoura

Salmoura

Bálsamo

Múmia

Mel

Selo

Vácuo

Desinfetante

Assepsia

Sobre o tempo, sobre a permanência, sobre a perenidade, sobre a resistência, sobre a persistência, sobre a decomposição, sobre a conservação, sobre a proteção, sobre a condição, sobre o estado, sobre o valor da coisa, sobre a importância, sobre memória, sobre registro, sobre a mudança, sobre a transformação, sobre o movimento, sobre as massas, sobre a força, sobre contaminação, sobre invasão, sobre dança, sobre luta, sobre as relações entre os corpos. Tudo o que é, ao mais grossíssimo modo, é coisa sobre coisa e nada mais e nada menos. Matéria em movimento, corpo em relação a corpo. De modos e dimensões e intenções e intensidades e direções diversas. Comunicação. Vida. Impulso. O anterior ao sol, o que vem antes da luz, da estrela, da fonte, da geratriz, da mãe. Alimento. Armazém. Recipiente. Depósito. Oxidação, ferrugem, validade. Utilidade.

Pura impetuosidade, pura transformação, mutação, processo, pulso, construção, desconstrução, união, desagregação, desassemblagem, destruição, quebra, desmanche, desmonte, rompimento, corda, corrente, teia, fio, cabo, cano, elo, nó, laço, cola, abraço, uniformização, agrupamento, acúmulo, associação, aglomeração, aglutinação, coagulação, secagem, estagnação, inércia, choque, explosão, líquido vivo.

Centro, origem, união.

Tecido, camada.

Célula.

Nódulo

Sensibilidade, registro, troca, marca, informação, dado, conteúdo, recepção, emissão, comunicação.

Fabricação, colaboração, reprodução, extensão, impacto, interferência, manipulação.

Ramificação lenhosa.

musculação performance desempenho

fazendo musculação com cabeças de barro, esculturas, crânios, com peso morto, com chumbo grosso, com peso pesado, com carne, com múmias, com bustos, com matéria humana passada, morta, com a coisa decomposta, com o cadáver. Malhando, construindo o corpo, esculpindo com a escultura densa e grave e pesada e carnuda e corpórea antiga, sarcófago, no templo, no caminho da explosão da matéria em pura luz ou em puro pus, em gozo, jatada de luz virulenta, leitada violenta, implosão, desmaterialização ou sublimação na onipotência da gordura e do material vivo e latejante e pulsante, expansivo e impulsivo e impetuoso e seboso. Aí, pura transformação e alquimia. Levantando o peso do corpo e do depósito de vida ou de potência com fins libidinosos e vaidosos e masturbatórios. Supinando o defunto e repetindo o movimento. Hipertrofia, atletismo, amplitude, movimento. Escultura com carga e com significado de imagem e de vida, colorida, maquiada, ferramenta para a lapidação e amolação do corpo do sujeito e agente e criador e gerador. Gestor. Ritual de acasalamento, dança. Puro corpo em estado puro, básico, fundamental, essencial, supremo. Nada mais nojento e pútrido. Tudo. Contorção. Movimento do corpo no espaço designado e significado e determinado para tal, para o movimento do corpo em relação aos outros corpos e em relação a si mesmo no passado. Matéria em relação à matéria. Uso dos corpos pelos outros corpos. Intenção. Uso do petrificado. Pompéia. Dessublimação. Uso do mumificado. Apropriação. Ferramenta. Potência da besta. Força. Animalização, disputa, bestialidade. Luta, guerra. Guerreiro. Ser belicoso. Criação de fibras novas, de poder físico. Ginástica. Dar à luz. Gestação. Música gospel no fundo. Sadomasoquismo.

escafismo e o leite-mel como potência vil (ambivalência)

Outrora e em outro plano como representantes e símbolos de fertilidade, de tranquilidade, de vida, de construção, de fartura, de felicidade, de luz, de amenidade, de equilíbrio, de paz, índices paradisíacos, o leite combinado ao mel, a substância nutritiva à doçura, à alegria, à energia vital e prazerosa, aparecem como catalisadores e ferramentas e promotores e agentes do grotesco, do deletério, da tortura, da corrupção, objetos punitivos, da morte, da destruição, da putrefação, da infecção. Nessa ambiguidade e ambivalência e tensão há grande vilania e ironia e perversidade e crueldade e sombra sarcástica e sádica e tirana. É piada e jogo de puro reflexo e graça com o mais baixo e subterrâneo. Dança entre o céu e o inferno.

Mingau e víscera. Canibalismo. Forças sagradas em associação à energias diabólicas, doentes, insanas. Papa, pasta, massa. Alimento. Pulsão de vida e de morte, aí. Satisfação e realização dos desejos primais, vitais, essenciais. Outro como objeto. Corpo alheio como objeto. Fantasia, imaginação. Maquiagem. Sopa, ensopado, caldeirão. Ebulição, efervescência, fermentação.

imagem e projeção do corpo

Imagem como potência do corpo e como projeção deste em superfície, em outro corpo. Ou como em subjeção do corpo. Como potência do corpo pois é produção do olho e do cérebro que são corpo, que são parte e componentes do corpo. Imagem como corpo e reconhecimento do corpo como existente enquanto imagem, ou seja, imagem é produção do corpo, interna ao corpo, captura, percepção, sensibilidade e, também, por ser de vários corpos em constante relação e interação de espelhos, de reflexo, também é forma de existência do corpo, que se reconhece no corpo exógeno e no outro a apreensão do nosso corpo. Esquema do corpo. Compreensão interna do corpo, a partir da comunicação e de sistematização celular intracorpo. Corpo é existência. É condição, é presença, é estado, é puro movimento em diferentes planos e situações e dimensões. Dimensões estas também em imbricação e em entrelace e interligação. Corpo em relação aos outros corpos e movimento no espaço. Movimentação em relação. Deslocamento. Reconhecimento. Sensibilidade. Tato. Presença superficial, ou seja, percepção da superfície do corpo e proximidade, em comunicação constante, entre cada pedaço do corpo que também é consciente e sensível de suas relações, imprime os contatos que recebe dos outros e os transmite, também para os outros. Puro sistema. Luz interna a cada partícula. A complexidade do todo ou é amedrontadora, desencorajadora e aterrorizante, ou é sublime e impressionante e deslumbrante e estimulante. Costuma ser reflexão e dinâmica intensa e bilateral e fluida entre os dois estados.

Jogo e avatar. Máquina e ferramenta. Extensão do corpo, depósito de consciência, controle, representante. Depósito de consciência e controle de um representante. Associação. Técnica. Movimento analógico, ou seja, deslocamento no espaço de um corpo outro a partir de um movimento do corpo do controlador. Correspondência. Boneco, substituto, vicário, marionete, fantoche, depósito, receptor, meio, médio, posse. Domínio, controle sobre o outro corpo, manipulação, reprodução, replicação, duplicação. Filho, clone. Abdução, assimilação, captação, fagocitação, engolimento, absorção. Controle remoto. Telepatia. Telecinese. Relações possíveis entre corpos. O que é possível é realizado. Expulsão.

paisagem

Grande carnosa teta expelle, cria, produz uma leitada grossa, grande carga de leite corpulento, a enorme mama, o corpo do seio, o peito, o mamilão, sensível, vivo, jata e derrama leite gorduroso e doce e entrega-o à terra, aos veios de rio, às fendas minerais, aos sulcos do corpo terrestre e cria massas caudalosas e vigorosas de líquido processual em movimento grotesco e impetuoso sobre o solo, sobre o piso, vira gosma, rio de leite. Há este, então, denso lenço, rio de leite. Cheiro de mel. É tudo muito vivo, muito instável, muito frenético, inquieto, dançarino, brincalhão, tudo faz cócegas em tudo, come, transa, cospe, se alimenta, caga, vomita, mija, lambe, beija, cheira, sua, respira, catarra, fode, ejacula, goza, abraça, dorme, lateja, pulsa, sente, exala, pula, saltita. Banho de secreção. As casas montadas, a matéria mais sólida, mais estrutural, mais mineral, esqueletica e arcabouçal, organizada a partir de determinado desejo de estabilização, de ocupação, de proteção, de enclausuramento, de invólucro. Casulo, colméia, ninho, aglomeração, amontoação, protuberância. Casinha, toca, gruta, lar, lareira, quentinho, aconchegante, confortável, ventre, úmido, escuro. Goteja, caverna. Cheiro de mel, açúcarado, cristalizado, azedo, penetrante, caramelo, viscoso, presente, grossinho, carnoso, precipitado, nebuloso, expulso e expelido e lançado e fugido das colméias, e das aglomerações, dos conjuntos e das uniões e uniformidades, daquela vegetação leitosa e gostosa, das flores, das plantas, das seivas, daquilo tudo nutritivo e poleico e fértil e podre, pútrido, putrefato, colorido, vibrante, cheiroso, atraente, chamativo, delicioso, deleitoso, daqueles frutos venosos, irrigados, vascularizados, sementosos e suculentos e gordos e inchados e gomosos, recheados, sangrentos, escorregadios, bolhas, aquosos, hidratados, substanciosos, açúcarados, glicosados, carboidratos. Corpos molhados e lubrificados. Fermentação, canibalismo, gaseificação, regurgito, maceração, fagocitação, mastigação, trituração, aerobização, efervescência, alta e rápida movimentação interna e das partículas menores. O tronco rígido, seco, durão, mineral, cascudo, marrom, irregular, áspero, pontudo, pontiagudo, carapaça, fibroso, protetor, com algumas protuberâncias e pulsações espinhosas, acneicas, que cospem e liberam pus, seiva, secreções. Algumas revelações e exposições, fragilidades, sensibilidades, amostras, demonstrações da parte interna, encapsulada, magmosa, nuclear, carne viva, lava, quente, casca fina, a parte mais viva do corpo vegetal, verde, rosáceo, úmido. Ao leite se junta o mel, se mistura, a massa branca líquida, cremosa, proteica e gordurosa e docinha fica mingau, mais doce, mais grossa, mais amarelada, mais ácida, mais caramelizada, açúcarada, terrosa, mistura forte, enjoativa, pegajosa, nutritiva, instável, alimento, reserva, armazém, disponibilidade, potência energética grave, altíssima potência energética, fonte, fornecimento, mina, depósito, armário, dispensa, conteúdo, comida, corpo, alimentoso, mingau, papa, massa, pasta, coisa a ser digerida, a ser triturada, a ser engolida, a ser babada, queimada, cozinhada, dissolvida, a ser decomposta, desconstruída, quebrada, desagregada, desmontada, absorvida, incorporada, fundida, reagregada, reorganizada, reestruturada. A terra, a água, a castanha, a noz, a semente, a pedra, a planta morta, tudo morto, misturado, defunto, cadáver, batido, amassado, sedimentado, esmagado pelo peso e pelo tempo e pelo mundo, pilado, amalgamado, o ferro, tudo, nutritivo, cultura, crescimento, o fungo e o cogumelo os esporos, a transinha, o crescimento grosseiro, o sêmen, o nojo, o asco, o mofo, o bolor, a bactéria, o vírus, a invasão, o parasitismo. Os pequenos

diálogos entre os pequenos corpos, pequenas trocas, corpúsculos, colônias, partículas em entrelace e conversa, comunhão, toque, os movimentos relacionais, matéria com matéria, corpo com corpo, infinito, imparável, irreversível, os sinais, as captações, as sensibilidades, as sensações, a vontade, o desejo. Impressão, marca, pegada, rastro, dejetos, processo, mutação, transformação, como um corpo impacta o outro, como uma coisa altera a outra. Interferência, manipulação, alquimia, bruxaria, mágica, aparição, surgimento, efemeridade, susto, surgimento, nascimento, intenção. Rocha que absorve luz, pedra maciça, dura, minério que bloqueia a luz, cristal, pedra que permite a passagem da luz, que cede, transparente, pedra que reflete, espelho, metal, relações com os movimentos da luz. Tipos de relações entre os diferentes tipos de organização da matéria. Matéria com e sobre matéria. Corpo sobre corpo. Jogo, disputa, relação de poder. Competição. Dança, dominação. Subjugo, interpretação, determinação, compreensão, força, potência, desejo. Realização de desejo sobre outro corpo. Nessa paisagem, nesse campo fértil, nessa terra harmoniosa e inquieta e ácida e equilibrada e cheia de vida e de morte sobrepostas e intercalantes e subseqüentes, nessa rede, nessa teia, nesse entrelace, nessa cadeia ininterrupta de bafo e de sebo, também habitam os animais, uns seres mais independentes da terra, do solo, mais autônomos, parecem, brotos, pulsos na grade, no ar, excêntricos, coesos e vis, abjetos, perversos, estimulados e voluntariosos. Bichos das mais diversas características e composições e vontades, peludos, prenhos, impregnados, cascudos, dentuços, com garras e presas, dilaceradores, moedores, roedores, doentes, enfermos, infectos, deletérios. Úmidos, fungosos. A pele e o pelo suados, engordurados, meio secos, fedidos, tudo misturado, as secreções, os sangues, a terra, os resquícios e traços das plantas e flores e frutos, a areia, as gosmas, tudo meio já incorporado na pelúcia, nos espetinhos proteicos, folículos, flagelos, quentinhos, cobertura. Os animais, esses, emitindo sons, vibrações, reverberações, gritos, berros, assobios, silvos, silvestres na selva, na florestinha cheia de cheiros e barulhos, e a animalia se reproduzindo, anomalias, tudo bestial, um montando no outro, estupro, incesto, canibalismo, uma coisa de vilania e violência e sobrevivência da mais à tona e à flor da pele e do toque e explosiva. Tudo do diabólico. Os cornos, os chifres, os ossos expostos que saltam e brotam da carne e da carcaça. Carniça, pelanca. Nervo, ligamento, corda, cordão proteico, elástico. Os bichos correndo e uivando, o dia e a noite. Acasalamento, ritual. Aí vem a fogueira, as venerações, os símbolos, os códigos, a linguagem, a comunhão, os cultos, as adorações. Casinhas e tocas. Trocas. Capturas. Piscadas.

briguinha disputinha

é sempre elo tenso, é sempre conflito, é sempre puxão e empurrão, sequenciais e simultâneos. há soma mas há sempre oposição e todas as operações possíveis ocorrem e constroem, e a multiplicidade e a variedade e a mistura e a miríade e a miscelânea e a coleção e o coletivo que montam e geram e produzem e empilham as coisas que é a coisa, na verdade.

menino porra

Menino porra

Esperminha

O menino porrinha, gozinho, coagulado

Ejáculo desnaturado

Oráculo

Sêmen

Leitinho

Hominho gozo

Irreversibilidade

o coisinho irreversível, imbuscável, inalcançável, perdido, efêmero fugaz fugidio passageiro

Dobramento

Enovelamento proteico

Movimento construtivo, funcional, biológico

mente e pensamento massudos

mente e pensamento e todo esse campo e essa zona identificável mas obscura que aparece imaterial como comunicação celular, conversa intercorpúscular, ou seja, elo e movimentação e dança e giro e dinâmica e tensão entre os pequenos corpos formadores e construtores, aglomerados e ajuntados e associados e agregados, do corpão humano, do corpo grande, composto, braçudo, pernosco, barrigudo, saliente, musculoso, mexilhão, pulsoso, pulsante, peniano, molhadinho, vaginesco, grutilhoso, cavernesco, grotesco, chulezento, impetuoso, desejante, esparramado, espalharramador, enraizado, arraigado, braçoso, ramulento, ramoso, fractoso, flatulento, fragmentoso, reprodutor, multiplicativo, crescente, expoente, latejante, fluido, molenga, toda a parte mais viva e mais comunicativa é mais líquida, mas também gera algo de mineral sustentador, arcaibouçal, esqueletesco, é esqueleto mesmo, duro, fibroso rígido, ereto, erigido, jatada petrificada, pétrea, rochosa, guspe celular, fóssil. As camadas psicológicas religiosas divinas iluminadas psíquicas imaginárias imaginativas como setores em que acontecem os diálogos e as transições da carne gordurosa cerebral aquosa salínea elétrica, condutora, ativa, maquinária, motriz, geratriz, e é trabalho incessante e diálogo frequente e contínuo e caminho, jatos elétricos e luminosos e ondas e toda uma comunicação material, troca mesmo, escambo proteico, gelatinoso, mocotesco, seboso, oleoso, escorregadio, mercúrio, encaixes ácidos, impressões, matéria em matéria e corpo em corpo e as relações entre eles em dimensões variáveis e de modos diversos. O impalpável o é porque é rápido demais e intenso demais, e aí é imaterial, fantasmagórico, mas é matéria de algum jeito, já foi grosso, já foi denso, já foi mais devagar, já foi coágulo, cristal, e vai voltar a ser, vai voltar à terra.

rio

troca, sequência, substituição, corrente, fluxo

apagar de certas luzes e acender de outras luzes
movimento

corpo objeto e imagem

sobre primeira viagem e experiência de independência e autonomia longe do ventre

mito fundador

distanciamento, rompimento, simulação

Queria provar. Revelar, perceber, experimentar. Crescer. Calejar, sentir. Queria me definir, me construir, me imaginar, tudo isso através da marca, da memória, das afirmações. Controlar os pedaços da confusão, caminhar através e mobilizado pela dúvida, dar nó, enlaçar. Foi exuberante, esquisito. Queria viver saga, queria ser deus, queria ser andarilho, venerar a mim mesmo, à natureza, ao imponderável, imensurável, gigantesco. A vasta enorme sublime planície. Queria dobrar o espaço, a terra, o terreno, os lugares. Capturar e abraçar tudo. Diário salmantino, queria ser malandro, lazarilho, pirilampo, rabiscar e driblar e costurar e salpicar e saltitar as pontes romanas e o temperado mouro, ibérico, mediterrâneo, a andaluzia, ser ândalo, vândalo, vagal, vagabundo, livre. Buscar origem, retomar, reconhecer, redescobrir, recuperar as raízes, reencontrar a gênese, o sítio primo, a cidade natal, rever o nascimento. Era construção de personagem, mesmo, de personalidade, processo. Era afirmar independência, de fato, buscar fato interno, essência, verificar as reações espontâneas insubordinadas, distantes da casa e do comando, do cuidado, do conforto. Era fuga. Desabafo, descarrego, escape. Permissão e criação de espaço, pesquisa de ar e de vazio a ser preenchido. O ar era outro, era tudo meio diferente, um pouco. A vontade e a expectativa e a esperança e a ânsia pelo diferente, as previsões, tornavam o presente e o novo diferentes, de fato. O sol era outro, o cheiro outro, a luz outra, o vento outro, tudo diferente e igual ao mesmo tempo. Outra atmosfera. As pessoas, as roupas, o cheiro que eu imaginava do sebo e da carcaça das pessoas, os casacos, a pelagem, o caminhar, o transitar, todas as mudanças tanto sutis, pequenas, leves, granuladas. Eu era mais ou menos o mesmo e o novo espaço e a nova cidade que me envolviam eram mais ou menos diferentes e o desejo interno por mudança e pelo novo e pela experiência transformadora e sensível e estética e aprazível e emocionante era intenso. A vontade era a de viver com intenção e intensidade e choro e aventura, romance, drama, sensação e movimento das coisas novas e captação delicada e cinematográfica, complexa em arte e em sentido, em divindade e êxtase e caminho e escolha sagrada e importante. Queria me apaixonar. Experimentar aquilo que diziam. Sentir os grandes prazeres, acumular e colecionar eventos marcantes a serem narrados e inventados, aglomerar e captar invenção, vontade de contar as histórias geradoras, que passariam a me identificar, que me propagariam, que diriam quem eu seria. Mito fundador. Era começo e recomeço. Vontade de renascer e de viver o não vivido antes e aproveitar e desfrutar e degustar. Queria me ver, ser espectador próprio e masturbador e amante. O desejo, o sonho, era viver e gozar e sofrer para contar história, transformar tudo aquilo em fantasia e em jornada, em epopeia, em batalha, em moral, publicizar, celebrar, afamar, celebrar, virar exemplo, herói, anjo, santo, mártir, ser visto e ouvido por toda a raça humana, por deus, pelos seres, amado. Beleza distante, viagem, busca, exploração, procura, saudade, imersão, melancolia, desejo, alcance, imagem, projeção, objetivo. Tornar a fantasia real. Sonho. Imaginação. Materializar a imagem. Apalpar e tridimensionalizar e apresentar e tornar presente a imagem passada. Nostalgia.

natureza morta

Casinha quentinha, calor do lar, lareira, madeira, revestimento interno felpudo, proteção, aconchego, tapetes, existe toda a parte estrutural e arcabouçau e esqueletosca da casa, as tábuas, as pedras, as vigas, as madeiras, toda a composição cuja intenção é sustentar o próprio peso e toda a força dos materiais mais minerais de modo a fornecer abrigo para quem habita e quem reside e quem se ajunta e se abraça e deita e se acolhe na reclusão, na cápsula, no ovo, no ninho. Forno, chapa quente, fornalha, ferro quente, incandescente, fumegante, latejante, aquecido, fogão, a água fervendo, fogo, combustível, combustão, ebulição, fermentação, borbulha, umidade, vapor, suor, comida sendo feita, cheiro de carne cozinhando, de sal, de sangue, carne vermelha, roxa, lilás, acinzentada, vinho, gordurosa, gordura branca amarelada, fibra, músculo, tendão, corda, cheiro de ferro, de tempero, de ervas, todo um vapor, um aroma, um odor, uma fumacinha que penetra o burquinho o orifício do nariz e que é absorvida e passa por toda uma comunicação interna e entre as células os corpinhos os corpúsculos energizados. Toda a família aconchegada, aglomerada, acumulada, apertada, quentinha, de modo a manter o calor dos corpos, de modo a manter a vida, se proteger, do tempo, da intempérie, do frio, da raiva, dos grandes movimentos da natureza, da massa, dos animais, do que é ruim, do que é agressivo, da besta, do que mata, do que machuca, do que viola, do que interfere, do que penetra maliciosamente, do que preda, do que rasga, do que quebra o laço, o vínculo da vida e da construção e da fertilidade, do que envenena, do que contamina, do que infecta, do parasita. Os corpos com poucos pelos, descobertos, expostos, acalentados e vestidos, com intenção e por necessidade vital, com couros e carcaças curtidas e peludinhas, de felpos, massa de flagelos, isoladores, fofura, maciez, suavidade, cobertor, tapete, cabeludo, lanoso, retentor, que prende, que segura, que mantém. Hibernação, sono, sonho. Em algum canto mais recluso dentro do próprio ambiente interno os corpos se aproximam mais, se unem, no colchão, lugar macio, acolchoado, sexo, troca de fluidos, fecundação, jatada, umidade, suor, lubrificação, dança, corpos escorregadios e sintônicos. Expansão e contração. Filamento proteico. Gomo, caroço, pelota. Massa. Prensa, pilada, amasso, empurrão, pressão, esmago, âmagio, trituração, moição, espancamento, porrada, esporro, ejáculo, oráculo, leitada. Caça, abate. Sulco, ranhura, fenda, cova, tumba, caverna, cripta, gruta, buraco, catacumba, vaso, vazio, relevo, mosaico, urna, caixa. Natureza morta.

inchaço, nó, nódulo, inflamação, aglomeração, coágulo, calo, gomo, caroço

sobre os fenômenos que observo e sobre os quais penso, ou sobre os que surgem na minha cabeça

Há matéria e energia, ou matéria em movimento, coisa em movimento. E sobre esse movimento, há aproximação e distanciamento, há aglomeração e dissociação, há associação e afastamento. Há construção e destruição. Há criação de elo, de laço, de nó, acordo, há ligação, e há rompimento, há quebra. A quebra dessa proximidade. E movimentação é troca, é substituição de um corpo por outro. Aumento ou diminuição de velocidade. Dissipação ou retenção. Movimento relacional, sempre. Coisa em relação à coisa.

sinais químicos que desencadeiam a formação de tentáculos

reprodução e apropriação, assunção, controle, uso das peças, aprendizado

recepção e invasão, fusão, mistura, penetração

entender

Entender algo é repetir internamente o movimento da coisa tal. É simular. É imitar. É a ação das células do cérebro em função do objeto externo. Em compatibilidade. Matemática é correspondência. Entender é, ao perceber a existência e receber a informação, agir em consonância, é tentar se mover da mesma maneira, do mesmo modo, na medida do possível, com a matéria presente. Tentar se tornar, provar existência, possibilidade. Buscar semelhança.

Desnaturação

Renaturação

Irreversibilidade e reversibilidade

Dobramento e desdobramento

sobre a organização do livro, do códice, codex, tabuleta

rol, pilha, lista

sequência

disposição a ser continuada, a ser movimentada, substituição sequencial, em consequência, conseguinte

ordem a ser passada

trânsito

deslocamento da mão coordenado ao do olho

associação de sentidos, de intenções, de movimentos e sensações, de toques e influências

dobra, acúmulo, aglomerado, bolo

revelação progressiva, gradual, contínua

surgimento e aparição

coleção, coletânea

opa

Cachorro come a carne do trabalho

Sacão membranoso translúcido plástico cheio de leitão pesado

alquimia e arte plástica

Alquimia como pesquisa simbólica e imaginária sobre a experiência humana, sobre o mundo, sobre a dinâmica entre interno e externo, sobre a interpretação e assimilação virtual do mundo pela mente humana, sobre comunicação entre espírito e matéria, sobre sensibilidade e significação do físico. Por isso, parte das artes plásticas. Por ser prática, neste caso, estética, visual, exploratória da percepção do mundo material e da atribuição de diferentes valores à massa concreta, positivos ou negativos, diretamente ligados à vida e à morte, ao selvagem ou ao civilizatório, ao natural ou ao cultural, ao consciente iluminado, ilustrado, e ao inconsciente sombrio, oculto. Valores, estes, estéticos e éticos. Alquimia como o depósito de significado e de valores em diferentes e determinados modos da matéria e a manipulação e mistura e fusão e amálgama destes estados em ímpeto de descoberta de novos formatos e valores, de novos conceitos, de produtos inéditos, com vetor direcionado ao máximo ou ao mínimo. A deus ou ao diabo. Ou o contrário. Construção.

justamente manipulação do interno através do externo.

Alquimia como a parte mística da química (esta que, a grosso modo, manipula, explora e descobre as propriedades úteis da matéria), a parte imaginativa, virtual, inútil (ou útil para a própria cultura imaterial), fantasiosa, especulativa, que cria, a partir do mistério, soluções análogas a componentes do inconsciente humano e, portanto, reveladoras da essência e do espírito. É então a matéria como isca e como mobilizadora e portal de conceito e elucubração e fábula.

Cozinha.

três momentos de observação e presença e análise e exame de trabalho e exposição de arte plástica, escultura, imagem

(textos sobre obras)

sobre cleverson salvaro e lucas simões

As colunas sustentam o edifício e se revelam plantadas no subsolo. Cavernesca, subterrânea. Trama de arame se tensiona, estende, esticada, entre o que fundamenta o corpo. Grade. Tudo ali é ruína, é pedaço decomposto de pedra, recomposto ali, em exposição. Concreto maciço, coisa mineral, de rocha dura, grossa, pesada. Na grade metálica quase virtual se expressam a partir do ímpeto pedaços e objetos e massas materiais vibrantes, que pulsam e se manifestam na teia, surgindo desses focos, brotando, dos pontos da função, do tempo e do espaço, expandindo, irregularmente crescendo, acumulando matéria, como vida, mas vida aqui petrificada, póstuma, fossilizada, o orgânico que se torna mineral pela irreversibilidade e força bruta lenta do tempo. Flutuam. Pedaços gordos e densos e massudos de misturas construtivas, tudo maciço e submetido à alta pressão do subterrâneo, do peso litosférico, do movimento tectônico e da potência magmática, das forças mais fundamentais e centrais, focais, essenciais, colossais e titânicas, da crosta terrestre. Engenharia sublime, basal. Divina tosca energia canalizada e concentrada sob matéria que se torna extremamente compactada e apertada da maneira mais justa e constrictora, amalgamada, fundida sob o amasso e a pressão do tempo em extensão absurda e gigantesca, constante, contínuo, absoluto, tempo que é pura verdade e revela o que é real, é de poder máximo, inevitável e opressor, a cristaliza. Em essência, gema, âmago, líquida e etérea, em meio ao inerte peso maciço e impolido, tacanho, grosseiro, gosma dura e cinza enorme, força tremenda, energia contida, estanque. Mofo, bolor, umidade. Escuro, interno, carnal. Viscoso. Interior. Organicidade rochosa, da gruta, inóspito, movimento e força em quantidade pouca, mas persistente em duração e continuidade, na constância, construtora de forma irregular, orgânica mineral. Núcleo. Tempo sobre matéria. Estado mineral da posterioridade e ação de forças físicas e inorgânicas sobre a construção humana. Analogia entre arcabouços construtivos da civilização e aquilo que é esqueleto orgânico e mineral e tudo que se estabelece como estrutura primordial e infra-carne, sustentadora de massa. Uso de materiais inorgânicos artificiais ou minerais, em confronto e diálogo, como simulação e representação do movimento da vida, como em objeto onde a espuma se expande descontrolada, em crescimento impetuoso e desenfreado, engolidor, massivo. Como o fungo. Força lenta implacável. Matéria inorgânica análoga à massa orgânica estrutural, fundamental, arcabouçal. Tecido conflituoso e dialético entre vida e falta dela, entre o biológico e o geológico, entre os elos entre mineral e vegetal e animal e a membrana da criação, que separa, justamente, o que é vivo e o que não é. Transformação. Revelação. Mostra a fatia do subterrâneo. As camadas geológicas. Estratos sedimentares. Recorte.

Objetos insetescos, propulsores, extraterrestres. Foguetes. A escultura que eleva o objeto. A proteção do artefato, o âmago oculto, novamente, essência. Encapsulada. Coisa estranha, asteróide, interestelar, pouco identificável, despertadora de curiosidade, o aspecto rochoso e acinzentado, áspero, poroso, rígido, e insetesco por isso, porque aparenta vida, ou relação a ela, de modo esquisito, como em bugiganga alienígena. Há algo de precioso e sutil, interior. Pulsante. Dos índices minerais opacos se contrasta o áureo e o prateado, brilhantes,

que imaterializam e criam espaço e vazio na densidade material. Compartimento reflexivo, eco luminoso, velocidade. Conflito entre o atarracado e sólido e parrudo e compacto com o que cria caminho, o que se espalha, se propaga, transita, expande, abre buraco, movimento puro. Parábola, linearidade e desenho espacial. Objeto de sustentação solene. Revelação. Composição espacial. Cidade inventário.

santo bispo de aleijadinho

O Santo Bispo. Esculpido em madeira e policromado. Carrega um cetro apoiado entre o antebraço e o corpo, cajado dourado do tamanho do homem escultura, adornado por curvas arabescas em seu cume, coisa que se assemelha a fogo ou planta ou ondas. O báculo de pastor, ostentado pelo epíscopo, não apresenta em sua ponta o formato tradicional, de gancho, que se volta internamente quase em espiral. Na obra de Aleijadinho a forma apical do semi-círculo se mistura e se perde em meio aos ornamentos e movimentos do bastão, assume imagem elemental, natural, mágica, alquímica, que aparenta emanar a partir de um pedaço de pau poderoso. O cajado é monocromático. O corpo do bispo se expande em cores e panos, em ângulos agudos e fortes, as linhas duras, os traços retos e severos modelam a posição sagrada do santo revestido em artifício. A mitra vermelha, chapéu divino, lhe aumenta o tamanho, o deixa mais alto, comprido, longilíneo, mais próximo do céu e imponente ao fiel, que obedece e se submete diante da imagem do santo e autoridade verdadeira.

O bispo exerce poder de fato nas terras eclesiásticas, no domínio da igreja e da fé, zela o rebanho e o tesouro, benze aos comuns que buscam asilo e administra a matéria de Deus. Aqui é representado: Além de existir em vida, existe também como símbolo inorgânico, eterno, imóvel, sentinela - obra de arte. O homem, que é presente no mundo físico em vida e possui grande nível de poder, tem seu significado depositado em objeto ostensivo de culto, proteção, idolatria, admiração e abrigo. Justamente. Habitam o tempo e o espaço simultaneamente e compartilham de valor e conceito. Dois objetos reais que se ligam ao mesmo ponto virtual. O homem se multiplica, torna-se onipresente, guardião. O vermelho das vestes é potente, calor, fogo, sangue divino, pulsante, paixão, escorre e define a capa, que cobre e envolve, de modo que amplia a silhueta e torna a figura mais corpulenta e massuda; o chapéu, rubro, ascende em labareda pontiaguda. O resto da roupa é dourado, que existe nessa situação em diálogo e contato, tensão e harmonia com o vermelho. Toda a densidade da forma é áurea e brilha, se cresce em luz, se propaga. O pano cascadeia sobre o tronco e cai até o chão (que é a base), e permite somente as pontas dos pés, cobertos por sapatos, aparecerem ao espectador. O vermelho e o dourado em comunhão escapam à forma e geram energia bruta que oprime e emociona, submete o humano penetrando o olhar crente.

Que escapam da vestimenta apenas as mãos, em configuração de prece, tipicamente, e o rosto. Olhos grandes, amplos, espaçados e aparentemente desfoques, ou focados em nada, plácidos, não incisivos, flutuantes, que se exibem ambíguos pela testa franzida, pelas rugas, pela expressão austera, rígida, pelo rosto seco e cavado, tensionado, o nariz fino, longo, saliente, a boca fina e entreaberta, em bico. A barba cheia e ondulada, castanha, assim como o cabelo. Rosto comprido. As maçãs do rosto bem delineadas. O bispo majestoso, os traços árabes, europeus, bizantinos. Figura de ícone. Um ícone tortuoso, de certa maneira inexpressivo, calmo, um tanto estrábico, o olhar desviado, perdido, mas, de novo, com foco no que não existe, em algo que ali não está, no imaterial, no etéreo. Muitas camadas de roupa, grossa, maciça, carnuda. A sobrancelha inclinada para dentro, em ângulo de seriedade, incisão. Mas é um bispo simpático, apesar de tudo que o oponha de tal. Auri-rubro.

O rosto é terreno e permanece em situação, o corpo se explode e se amplifica em puro movimento, a mão evoca e reza e ora a Deus, ou a si mesmo, ao seu subconsciente, à sua essência, à sua pulsão. Ou ao artista. Que precisa existir, que precisa ser definido. Tudo que é

verdadeiro e que é material no mundo compartilhado e externo à mente humana e divina precisa ser feito por algo ou alguém, pois. Quem cria o material é o imaterial, que controla o físico e tange a massa, através da própria, toca. Reorganiza. Resignifica. Quem esculpe a madeira é a mente, através da mão, comandada por Deus. E a mente que opera a coisa só interfere se tiver ímpeto, desejo supremo, profundo, que se manifesta e ignora qualquer desabilidade ou deficiência ou resistência do real. E esse movimento se expressa por meio do Aleijadinho. Que é ferramenta divina. E nacional. Modelo, herói. Expansão de significado. O bispo que existe de fato mas se multiplica em forma (escultura) e transcende, vira eterno, mito, ultrapassa a vida e a matéria. Aleijadinho, de modo semelhante, se encarna em símbolo, e apenas ideia, e assume, abriga toda uma quantidade de objetos a si. E se existiu ou não de verdade, não importa, pois é tão esculpido quanto esculpiu (ou não) e é tão real quanto o seu próprio bispo. Quem orchestra e organiza essa relação entre objeto e sujeito, significado e significante, arte e artista, artista também é e o fez por necessidade de resolução de problemas, por ser simples e conveniente. A resolução do problema naquele momento não era problemática, e agora, em época presente, se torna. O indivíduo herói não parece satisfazer a vontade de coerência, verdade, parece não convencer, ou decide-se que não convença, pois a verdade há de ser alcançada e os fatos hão de ser iluminados em tempos onde ela é facilmente inventada e manipulada. Modelada. Esculpida.

(sobre tunga)

Sobre a obra “Vers la voie humide II”, de Tunga

Em direção ao caminho molhado.

Tunga nasce em Pernambuco, na cidade de Palmares, no ano de 1952. Morre em 2016, no Rio de Janeiro, onde morou pela maior parte da vida.

A intenção do texto, inclusive por questões pessoais e de interesse e desejo individual, não é analisar com profundidade e ênfase o ambiente histórico, social, político e nem os eventos orbitantes da vida de Tunga. Considero de máxima importância toda a atmosfera da vida prática e real, comum, factual, do cotidiano e dos acontecimentos emocionais e interpessoais, situados no tempo e no espaço reais, materiais. É fundamental para a compreensão completa e plena da obra e da produção de um artista a consideração de todo esse campo da experiência pública e sociológica, econômica, direta e reconhecível e figurativa e superficial (digamos assim, sem juízo de valor, de mesma importância que o profundo, que o oculto) e aparente. Dito isso, digo agora que o espírito e o motor deste texto e desta análise são principalmente da classe do formal, do psicológico, do místico, do sagrado, do religioso, do conceitual, do virtual, do estético, do plástico, do emocional, do sentimental, do íntimo, do secreto, do obscuro e de todo o produto da relação destas ideias e de todo o campo compartilhado, também, entre estas.

Para, na opinião de quem aqui escreve, desvelar toda e absolutamente toda a verdade de um objeto e de uma coisa, é necessário, e somente assim possível, associar todo o conjunto de interpretações e de exames de todas as camadas das relações desse foco. São apenas projeto a perfeição e a exatidão. Ou seja, a pureza do fato é inalcançável a não ser pela extrema e absurda organização entre todo e qualquer ponto-de-vista. A pesquisa que faço aqui não pretende determinar e explicar totalmente a obra a partir de certo prisma, e sim contribuir como parte e peça, para assim, idealmente, construir a verdade final da coisa.

Vale dizer também que às vezes (ou às muitas), porém, a verdade plena de um objeto de estudo não interessa, e o que é realmente válido e positivo para um indivíduo ou para um grupo é extrair e utilizar a interpretação seletiva desse objeto para sustentar, de modo coerente com o funcionamento pré-determinado dos observadores, uma outra linha de raciocínio, que pode ou não encaminhar a uma outra verdade, que não a do objeto primeiro. Ou seja, muitas vezes o estudo de uma coisa é útil para a obtenção de outro fato, e não para a definição dessa própria coisa.

Volto assim à brevíssima parte mais ou menos biográfica, da qual o texto necessita para ser minimamente concreto e compreensível. Texto este o qual imagino que transitará pelos modos de narrativa da primeira e da terceira pessoa do singular.

Tunga executa e explora em meios diversos. Multimídia. Desenhou, esculpiu, modelou, moldou, montou, assembleu, pintou, fotografou, performou, escreveu. A variedade destes modos de expressão revelam um artista consciente da condição e dos valores da arte contemporânea, e impetuoso, com profunda necessidade de realização, exposição e

publicação. Completa a graduação em Arquitetura e Urbanismo, no Rio de Janeiro, aos 22 anos de idade. Exibe com a mesma idade sua primeira mostra individual, composta por desenhos, intitulada “Museu da Masturbação Infantil”, no MAM/RJ. Sobre a exposição, Ronaldo Brito, aos 25 anos, caracteriza a experiência de visita à exposição como “compreensivelmente difícil e, digamos, pós-freudiana” mas acrescenta que não parece haver intenção, pelo artista, de tornar a exposição mais misteriosa ou complicada. Pelo contrário, Tunga organiza e esclarece a disformidade de seus desenhos, orientando o visualizador.

Tunga não propõe mistério criado por ele a ser desvendado pelo observador, mas convida o público a participar de sua pesquisa e do descobrimento do mistério original. Não monta enigma a ser decifrado; o oculto já existe e o artista apenas compartilha seu próprio processo de escavação e procura.

O trabalho do artista descrito e analisado aqui é nomeado “Vers la voie humide II”, feito em 2013. Composto de ferro, cristal de rocha, vidro fundido, ferrites e cristais de quartzo.

Objeto, porta, portal, moldura, recipiente, continente.

A obra é uma instalação, uma composição espacial, uma montagem, uma estrutura, um cenário, uma situação, um estado. Tunga cria e oferece e posiciona e dispõe uma organização de coisas em relação mais ou menos fechada, sistêmica e quase operante, funcional, viva, robótica, e essa presença de matéria no espaço existe em estado determinado, definido e inerte, mantido como objeto de arte e de reflexão e de gatilho e isca de imaginação e elucubração, de fantasia, de mágica, portal, poesia material e tridimensional, jogo.

Apesar de sua condição de inércia e de permanência ser decisiva e última, inclusive pela função e pela existência da coisa como obra de arte, e assim perene, a ideia de movimento e de mudança é latejante e exposta. Tudo ou quase tudo na obra indica transição, diálogo, troca. Comunica toda a noção de dinâmica com uma montagem da matéria mais pesada e mais inerte e resistente que há, sem realizar nenhum movimento real sequer. Por isso barroco, pelo ímpeto grosseiro e ambicioso e caótico com extrema ordem infalível, inerente e indescobível.

Força de atração e coesão magnética. Cola magnética invisível metálica subterrânea nuclear, potência essencial, energia central do âmago, campo, terra, crosta e globo terrestres, organismo planetário.

União e cooperação de forças, elo, ligação, canal, fluxo, caminho, trança, curso, direção, deslocamento contínuo, corrente, fio condutor, corda, conexão, rol, coexistência, codependência.

O trabalho ocupa um espaço seja ele qual for. Enquanto objeto deste texto, o observei posto numa casinha parte de uma antiga fábrica de tecidos. Neste pequeno chalé ou galpão, que também pode ser sala, de paredes brancas e lisas, preparado como galeria, teto de estrutura de madeira que sustenta telhado de latão ou alumínio, arcabouço aparente, a instalação de Tunga reside o centro do ambiente fechado. O chão é cinza meio brilhante, de concreto envernizado. A obra é objeto e é focal, pois permite apenas a circulação do espectador ao seu redor, não encobre e cria a atmosfera (apesar de emanar toda uma aura), não é tocável, palpável, não é interativo enquanto espaço que recebe e incorpora e absorve, mas é o próprio corpo, e é também cenário, pois é, apenas virtualmente, campo, plano, jardim, passeio, solo, terra, terreno, pode receber potencialmente pés e plantas, mas é um cenário não-habitável.

O corpo, digamos, principal, que se projeta do nível do chão e recebe o primeiro olhar de quem contempla, é algo que se aproxima de uma moldura retangular, de lados de cor preta, cinza-escuro, de ferro. Não é moldura exata e sim algo distorcida e vibrante, ressonante. Mas seus lados são todos imaculadamente retos. É um portal grande em relação ao tamanho humano. Configuração de difícil definição e descrição, justamente pelas torções formais. São mais ou menos 2 metros de altura e 1,8 metros de comprimento, com mais ou menos um palmo ou quase 20 centímetros de largura. É uma porta estranha, esquisita. Extraterrestre, insetesca, peculiar, curiosa, pitoresca e grotesca ao mesmo tempo. Se planta sob uma base de mesmo material (ferro), três vezes mais larga e com aproximadamente 8 centímetros ou 1 dedo de altura.

Esse grande corpo esqueletesco e estrutural, porta, janela ou moldura, abriga uma versão reduzida e diminuta de si mesmo, que ocupa metade de seu espaço interno, compartilha do lado marginal da grande moldura, mas possui teto, lado interno e base próprios e específicos. A base tem a mesma largura e altura que a base maior, mas metade do comprimento, assim, coerentemente, como toda a sub-porta. O lado interno equivale ao meridiano do arquirretângulo. A porta-metade está levemente deslocada e fora do eixo do portal principal, formando assim uma diagonal tensa e caprichosa, sutil, espontânea, leve, graciosa, impetuosa.

A grande estrutura é dividida na metade.

Descrevo um sistema, interconexões múltiplas entre pontos, complexo, cadeia, teia.

A infra-moldura contém todo um conjunto, grupo, coletivo de pedras rochas metálicas magnéticas ímã, em coesão, unidade, uniformidade, coladas e comprimidas pelo magnetismo. São pedras foscas e brilhantes simultaneamente, aspecto áspero, formam uma parede maciça e massuda, dura, irregular, rígida, crocante. Ocupam toda essa metade do portal. Barreira mineral, aglomeração, agrupamento. É recheio e carne ferrosa. Carga. Não ocupam toda a meia-parte da porta pois, bem ao centro, no miolo desse retângulo comprido para cima, esguio, se apresenta aprisionado entre toda essa população e associação de rochas um vaso de vidro, um recipiente, de caráter alquímico, um pote, um frasco (de mais ou menos 60 centímetros), gordo, corpulento e frágil, transparente, cristalino, como uma surpresa, um susto, um presente luminoso e claro, em choque e proeminência e salto relativos à parede de pedra preta que o envolve. O frasco distorce o plano retilíneo e ordenado da moldura, como bulbo barrigudo e impulsivo, ocasional, acontece, pulsa, surge, mas também é ali um fóssil, estanque, preso, comprimido, amassado, estrangulado pelo denso peso da multiplicação.

Dentro da cápsula, que permite e reflete a passagem da luz sincronicamente (pela condição e configuração material de vidro), há outra carga de pedras, essas cristais, brancos, brilhosos e opacos, cintilantes, pontiagudos, lineares, retos. Não são magnéticos e não, portanto, se aglomeram por isto, mas também formam massa branca e unidade pela força gravitacional e pela existência e presença material resistente do vaso, que abriga e une e impede a queda e a dispersão dos cristais. O vaso suspenso nas rochas magnéticas escuras, carbônicas. O frasco é microambiente, carrega o ar e as pedras pesadas e brancas que sedimentam e deitam caídas comprimidas pela gravidade. É evidente e perturbadora a tensão entre o branco e o preto, o claro e o escuro, o vazio e o denso, o ereto e o caído, a terra e o ar, conflito e dinâmica entre opostos e díspares que atrai e interessa ao olhar humano, que

percebe na solução formal linguagem, analogia, alegoria e diálogo com potências do espírito, da natureza e da ideia.

A outra metade do portal maior é vazia, ao lado da parede ctônica. Em contraste, novamente. Vácuo, oco, espaço livre. Éter, ar, imatéria. Agora sim é mais janela do que porta, pois é passagem apenas para o ar e para o olhar, e não ao corpo, somente à projeção virtual e mental deste. Divisão, fronteira, membrana, película permeável. Neste vazio virtual (que pela imagem obtida pelo olho pode ser o entorno, o fundo, a paisagem) se posiciona e se apresenta um gigante (proporcional ao tamanho do frasco logo ao lado, par) cristal leitoso avermelhado amarronzado, comprido, em formato similar ao de um sapato (apenas comparo para efeito de esclarecimento e visualização, não acredito que haja ligação semântica), esbranquiçado, perpendicular ao plano do portal (abertura), atravessando-o, extrapolando-o em ambos os lados. O cristal pesado poligonal é suspenso e flutua no espaço, pendurado, sustentado por quatro hastes metálicas, cada uma composta por duas ou mais partes menores de haste, ligadas entre si por ganchos, que agarram, no fim de baixo, outros ganchos membros de duas varetas circulares de ferro, fechadas, como coleiras, que seguram o cristal no ar, levitante enforcado. As quatro hastes medem aproximadamente 2 metros e terminam, em cima, presas em argolas em tábuas meio finas e longilíneas de ferro, de mesma aparência que a moldura. Estes tacos são também suspensos por fios de aço, estes presos ao teto, completando a obra. Estas hastes são como fios, aparentam ser. Mas são tesas, rijas.

É ambíguo se os fios de aço fazem parte, se são agentes e atores e partículas e peças do objeto último e verdadeiro de arte, mas se são coadjuvantes ou externos ao plano da arte, virtual, fabuloso, espiritual, imaginativo, garantem a existência e a exposição deste campo e deste portal com sua funcionalidade prática e material. De todo modo, se existem ou não como representação e polo de analogia, intencionalmente ou não pelo artista, colaboram e dão continuidade à plenitude do trabalho, são formalmente e visualmente semelhantes ao resto, e participaram da construção de imagem mental deste espectador que escreve energizado pela presença da coisa.

Harmonização, equilíbrio. À metade vazia rivaliza o cristal de materialidade dúbia e densidade e peso questionáveis. É provavelmente pesado e esmagador e é anguloso e retangular, algo irregular e tortuoso, pinicante, sólido, lento, forte, bem definido, delineado. Ao mesmo tempo, sugere e inspira impressão de vaporosidade, porosidade, aerealidade, eterealidade, fumaça, fluidez, gasosidade. Combate e estica o elo com o vaso de vidro, na metade densa, oposta. O cristalão é pendurado no ar, o vaso é enterrado.

A grande rocha branca é pendurada por hastes que se seguram ou são seguradas pelos tacos, retângulos compridos de mesma matéria que a moldura. Esses tacos de ferro formam como uma cruz dupla. Uma cruz onde ambas as extremidades são atravessadas por tábuas metálicas. Uma cruzeta, um comando. Como na estrutura de uma marionete. O cristal é o títere, o boneco, que se liga no plano superior, que é outro esqueleto um tanto antropomórfico, também suspenso, deitado, paralelo ao chão. A rocha é projeção do plano de cima ou vice-versa, em elo de analogia ou algo assim.

Do outro lado da parte aberta, do lado de fora do portal maior, há como um vão, uma fenda, um canal. Um outro lado de moldura, de ferro, paralelo, se posiciona a mais ou menos um palmo de distância, sem base, brota do chão, e cria esse espaço magro e fino entre ele e a grande porta estranha. O virtual espaço esguio é preenchido por mais das pedras escuras e

magnéticas, ferrosas. Ocupam toda a extensão desse curso reto, alto. As rochas são encapsuladas em sanduíche entre a moldura da porta e o alto e fino retângulo paralelo. No topo, no ápice, no cume, no apogeu, não há teto, só as duas paredes, e o fim do caminho de pedras respira, encontra o ar, o espaço vasto e amplo, acaba, é aberto, há saída. É como se esse aparente sistema fechado vazasse, estivesse cortado, a carne ou pedra viva.

A porta vazada e aberta e transparente é cercada por duas partes bem corpóreas.

Essa faixa de minérios toca o solo. Numa ponta o ar ou o nada, noutra o piso. Certo, temos construída textualmente a estrutura vertical, monumental, quase monolítica ou escultural. É um plano imaginário no espaço. Num dos lados desse plano há um espaço delimitado, bem raso, no chão, cercado por 9 tábuas de ferro como a moldura, em sequência, deitadas no chão, partindo de um dos lados (do lado do setor preenchido pelas pedras) da base da porta, circulando geometricamente esse quintal. Essa série comprida de cercas não se encerra e termina, também, desconexa. Há uma abertura nesse jardim, nesse chão, que banha o plano vertical, ereto. Preenchem o interior desse muro minúsculo talvez milhares de cristais pequenos, do tamanho de um punho, mais finos. São tantos que uniformes. É corpo branco, pedregoso, luminoso, revelado. Está ali encapsulado e retido e definido pelos lados de ferro, pela cerca, pelo limite, não se sabe a profundidade, pois parece uma piscina, um líquido, mar, lago, mas inerte, parado, como rocha afiada, é também ferida exposta, ou revelação, matéria vibrante, a mesma do vaso fossilizado da porta, sem estrutura proeminente, sustentadora, não fica em pé, é massa horizontal rente ao piso e dependente e devedora formalmente à todas as outras matérias que a envolvem e que a sustentam, que resistem e que impedem a queda ou a dispersão perpétua dessa gosma mineral. Essa poça de cristais tange e toca o pé da porta.

Do outro lado da moldura, no chão, na parte de baixo do canal fino de pedras pretas, cresce e escapa do plano uma trança, um cano, um rolo, uma forma comprida e cilíndrica, serpentina, que carrega internamente as mesmas rochas que aparentam descer pela fenda. É uma trança de fios metálicos, dezenas ou centenas deles, que se associam, e se empatam, se abraçam, dançam, se torcem, se agarram, se puxam, se ordenam, se sincronizam, se organizam, se unem, se expandem, se constróem. Essa corda incorpora as partículas imantadas e brota no espaço, percorrendo o chão. Comprime e absorve e engole as pedras que pulsam e impotentes impetuosas lutam e tentam escapar da rede tubular que as comporta e as torna carne tensa.

A trança é forma central na obra de tunga.

Pouco dura essa espécie de cobra mineral e metálica que se curva e no fim de 1 metro de extensão e de existência perde o recheio e a massa, perde a ordem, perde o entrelace, perde a colaboração e a união e o nó e a forma fechada e se torna mexa, simples conjunto de fios paralelos, correntes, velozes, livres, soltos. Esses fios de ferro próximos e tangentes mas paralelos, que formam fita, percorrem toda uma volta, saem da trança, que nasce das pedras da fenda da moldura, e logo passam a cursar, ou como rio ou como cabelo, um caminho no chão. Rastejam dando toda a volta ao redor da moldura ereta e do pequeno laguinho de cristais e seguem até fechar o circuito, cruzando o começo de sua trajetória, de encontro às pedras brancas no chão, penetrando a abertura da cerca e se enraizando nas frestas e nos espaços possíveis do conjunto cristalino, lago de areia, terra jóia.

A pesquisa de Tunga é extensa e profunda e vaga. O assunto é extremamente misterioso e intrínseco à existência e à experiência humana de relação interior e exterior. É em

alto grau metafísico e o tema abordado é comum a todas as obras extrapola a dimensão prática e corriqueira para se tornar grandiosa e ultrapassar a ordem humana. A busca é pela essência da natureza, por deus, pelo diabo, pelas potências mais unas e primordiais e mobilizadoras da matéria, da existência, da vida, do ser-humano, da mente, do sexo. É ambicioso e a princípio confuso, mas Tunga é autor de graça minuciosa e organização e delicadeza, apesar de muito interagir com o bruto e com o tosco, também por questões semânticas, em diversas obras é formalmente limpo e claro e asseado. Em outras, porém, revela e mexe e se mete com o grotesco e com o repulsivo, com o mais baixo, como no “Pequeno Milagre”, onde insere e prende peixes crus, pães, vinho, matérias comestíveis e divinamente simbólicas, numa parede construída com gesso. Tudo que podia apodreceu e virou comida de larvas e exalou cheiros desagradáveis.

É evidente a coerência e o fio condutor da alquimia de Tunga. A constante presença de um conceito latente, e tão aparente quanto turvo, no decorrer de todos os trabalhos e realizações e propostas do artista permite a contemplação do conjunto como algo unitário e singular, assim como a maioria de seus trabalhos que se desenvolve sobre um elo que sistematiza e unifica as múltiplas partículas e que de modo quase metalinguístico aborda justamente a ideia de ligação e de energia de agregação e força de coesão e inseparabilidade material e espiritual, seu conjunto de obra é projeção ampliada de cada objeto, análogo à pesquisa vasta.

É sobre a matéria mineral o trabalho de pesquisa, exploração e expressão de desejo do “Vers la voie humide II”. Não somente a matéria do metal em sua realidade concreta mas também toda a simbologia que a orbita, o significado imaginário e tudo o que o mineral representa no ambiente da fábula virtual humana. Também há metáfora e analogia entre símbolos, mas é mais que isso, a obra. Fala de vida e morte, transição, mudança de estado e condição, caminho, mas não só de maneira poética e retórica, há verdade impulsiva no processo do artista, há vontade de descobrir, há vontade de entender o incompreensível, o imponderável, de materializar o inimaginável. Não é fofo e não é singelo, é massivo e titânico e vulcânico e catastrófico. É transcendental.

Tive contato e presenciei a obra na cidade de Itu, no interior de São Paulo, onde fica exposta e compartilha o ambiente com duas telas, “Homenagem a Farnese”, de Siron Franco, e “Composição Humana nº4”, de Manabu Mabe. Nos dois quadros são pintadas a óleo formas algo reconhecíveis e próximas da figura humana, do corpo e do rosto humanos, e são representados conflitos, relações, tensões entre corpos que se multiplicam, duplicam. O conceito do duplo, do representante, da máscara, da substituição, do fantasma. A ideia de morte e vida e o limiar entre ambos fica visível e pungente. A escultura ou instalação de Tunga não representa a figura humana e não se apresenta com forma diretamente familiar, pelo contrário, é tudo esquisito e alienígena, mas discute uma questão mais ou menos similar a das telas.

Os parágrafos a seguir são apenas palavras despojadas de muitos conectivos escritos, mas que em significado são próximas e coerentes, e são jorradas na intenção de construir imagem temática e um tanto descritiva, de modo talvez um pouco poético, da impressão causada pela obra de Tunga. São de grave desordem e liberdade anti-acadêmica, esta não por posição crítica ou ideológica ou confrontosa, pelo contrário, e sim por capricho e infantilidade do autor, universitário e juvenil, mas que é honesto e observa valor no que pensa e no que

entende e se esforça, na medida do possível, para racionalizar positivamente e ordenar no formato acadêmico e talvez cartesiano este e outros textos produzidos para a escola. Peço desculpas antecipadas. E licença.

Tunga é alquimista escatológico, manipula a matéria, cria elos, conexões entre estados energéticos, pulsos, gera campo de força e busca a transformação ou a mistura caótica básica. Pesquisa vetorizada à membrana entre morte e vida, entre espírito e carne. A pedra dura e áspera e bruta, sólida, estanque, imóvel, rígida, comprimida, brilhante, refletora, maciça, densa, carbônica, durassa, fibrosa, resistente, cinza-preta, metálica, rochosa, mineral, crocante, brilhante, magnética, força absoluta e inevitável e pura e mágica de união e de amálgama e de adensamento, de condensação, de associação fecunda e fermentante. Criação. Exploração do símbolo e da ideia e de todas as iscas virtuais e pontos nucleares do ambiente conceitual, examinação destes, identificação dos materiais, significação, organização léxica, reorganização, experimentação. Há delicadeza e cuidado. Esmero de quem quer descobrir, de quem deseja, com tesão e calor e vontade primal animalesca, inventar. É ciência tosca e intuitiva. É instinto. Experiência. Dissecção da matéria. Escavagem. Corte. Revelação. Procura. Combinação. Associação libidinosa e efervescente. Cirurgião do barro. Barro místico. Matéria-prima. Essência. Ordem brilhante e luminosa. Toque divino. Onde a alma toca o osso. Onde a ideia toca a latejância tutanosa carnosa merdosa. Calor vital. Sistema orgânico. Decomposição. Tecido de interações entre organismos. Dinâmica orgânica. Movimento biótico. Ímpeto biológico. Diabo. Dialética entre vida e morte. Tensão, síntese. Febre. Caminho da ordem do sagrado. Telúrico, ctônico. Subterrâneo, submundo. Inferno. Paraíso. Céu. Merda, bosta. Matéria nutritiva alimentícia. Substância. Corpo.

Mistério negativo. Pulsão de morte. Volúpia. Irrigação venosa quente. Suor. Transe. Febre. Umidade, hidratação, gordura, sal, cristalização, transa, tesão, volúpia, mistura prima, penetração. Óleo. Unção. Ranço. Fertilidade, fecundação, prolongamento e manutenção e permanência e continuidade vital, sobrevivência. Cozinha, lareira, lar, aglomeração, acúmulo, coagulação, aglutinação, fermentação, coalhadura. Leite, esperma, sêmen, líquido amniótico.

Processos químicos, forças de transformação, mutação, metamorfose, troca, movimento microscópico amplo, forças microbióticas, mudança do estado da matéria, velocidade interna da massa de partículas, sistema de relação constante em determinado conjunto, força de atração, criação, ímpeto criador de vida divino, essência pulsante positiva, tensão entre polos negativo e positivo (construtivo e redutor), fórmula, combinação, fusão, mistura, impulso, elemento, relação íntima libidinosa e latejante entre ser humano e matéria orgânica ou inorgânica externa ao corpo, ligação entre corpos, dança, acasalamento, foda, espaço preenchido, carga, força de projeção, diretriz da produção de matéria viva, código basal fundamental elementar, núcleo comum primordial supremo luminoso expansivo, colaboração, coordenação, conjunto complexo de forças relacionais e sistêmicas, significado em elo direto com a matéria, com determinada configuração da massa concreta, geratriz de sombra, densa, protuberante, positiva, ereta, existente, presente, inconstante, mutável, irreversível, posicionada e habitante do espaço. Borbulhante aeróbia.